

Políticas públicas de saúde e aspectos culturais relacionados à saúde do homem nas sociedades contemporâneas

Ali Momade Ali Atumane

Orientadora: Luciane Soares da Silva

Nas sociedades contemporâneas o hábito e o costume do autocuidado e de assistência aos que adoecem continuam sendo associados ao universo feminino. As mulheres são socializadas, desde a tenra idade, a cuidarem do próprio corpo e se desenvolvem tendo contato direto com profissionais e serviços de saúde. Enquanto que os homens são educados, desde cedo, a desenvolverem certas habilidades e hábitos considerados, social e culturalmente, inerentes à masculinidade hegemônica, tais como, a imaginária invulnerabilidade ao adoecimento, a virilidade, o androcentrismo, a violência contra a parceira ou o parceiro, maior exposição a riscos, ser forte, corajoso, macho, provedor, determinado, e nunca demonstrar a fraqueza, o choro ou aceitar atributos associados à feminilidade. Para tal, a família, a escola e as demais instituições controlam os homens a fim de mantê-los sintonizados com os códigos do modelo patriarcal. Consequentemente, os homens apresentam maiores índices de morbimortalidade que as mulheres, fraco acesso aos serviços de saúde e pouco autocuidado. Por via disto, objetivamos perceber em que medida, políticas públicas de saúde e práticas culturais impactam, positiva e negativamente, na relação saúde-doença e na procura dos homens por serviços de saúde. Partindo de uma abordagem analítica e recorrendo ao método qualitativo, foi possível observar que a construção social da masculinidade hegemônica, os processos de socialização e a acultura objetiva de gênero masculino se configuram entre os principais impeditivos da procura dos homens pelos serviços de saúde e entre as causas de adoecimento e mortalidade precoce.

Palavras-chave: Saúde, Masculinidade, Morbimortalidade

Instituição de fomento: FAPERJ